

“A busca da excitação” e construção de corpos a partir de jogos e esportes culturalmente definidos¹

Mártin César Tempass – FURG/RS

Palavras-chave: Antropologia do esporte; Antropologia do corpo; Excitação social.

Nos anos de 2002 e 2003 desenvolvi uma etnografia com os torcedores do Sport Clube Internacional, clube de futebol sediado em Porto Alegre (RS), especialmente com os torcedores que frequentavam uma arquibancada chamada de “Coréia”. Esta arquibancada – que nem tinha “bancada” – era uma espécie de trincheira circular que contornava todo o campo de jogo do antigo estádio Beira-Rio, antes deste ser reformado no “padrão FIFA” para receber os jogos da Copa do Mundo de 2014. Com um patamar mais baixo que o do campo, os torcedores só enxergavam o campo estando em pé. Baixinhos só conseguiam visualizar o gramado se pendurando na mureta junto ao foço que separava as arquibancadas do campo. E mesmo os mais altos tinham dificuldades para acompanhar todos os lances dos jogos porque na sua frente haviam obstáculos como placas de publicidade, casamatas, ambulâncias, gandulas, repórteres, etc.

Por não oferecer acento aos torcedores, o ingresso da “Coréia” era o mais barato de todo o antigo Estádio Beira-Rio. Bem mais barato! Durante a minha pesquisa o ingresso chegou a custar apenas um Real. Tipo, era possível assistir um jogo do Inter com apenas uma moeda. Pelo baixo valor do ingresso criou-se no estádio – também no Estado e até no Brasil – o imaginário de que somente os torcedores mais pobres se sujeitavam à insalubridade daquele espaço. E como no senso comum a pobreza está colada a outros estereótipos, os “coreanos”² também eram estigmatizados – bem nos termos de Erving

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Na linguagem popular, Coréia é sinônimo de pobreza. Brasil a fora, muitas favelas e bairros populares foram jocosamente batizados com este nome. Corre a lenda de que os moradores e as moradias destas localidades se parecem/pareciam com as imagens da Guerra da Coreia veiculadas na imprensa brasileira.

Goffman (1988) – de violentos, bêbados, drogados, vagabundos, ignorantes, etc. Como diria o Quico: Gentalha, gentalha! Isso sempre com a habitual dose de racismo gaúcho³.

Contudo, em minha etnografia observei que “Os Malditos da Coréia” – título do meu TCC (TEMPASS, 2003) - não eram nada disso que o resto do mundo imaginava. Nem pobres eram. Muitos deles até eram sócios do Inter. Eles só eram os colorados⁴ mais fanáticos. Muito, muito fanáticos! Fanáticos a tal ponto que eles precisavam participar do jogo – tal-qualmente os expectadores participantes das brigas de galos descritas por Clifford Geertz em Bali (1989). Os “coreanos” não simplesmente assistiam as partidas, eles participavam. Literalmente jogavam junto. E para jogar mais junto, nada melhor do que a arquibancada mais próxima do gramado, onde nem bancada havia, possibilitando-os a correr pelo espaço para acompanhar os lances mais de perto. Isso mesmo, no antigo Beira-Rio, além dos futebolers (Viva Mário de Andrade!), os torcedores também corriam atrás da bola. E conseguiam se comunicar com os jogadores em campo. Até o ano de 2004, quando a arquibancada foi fechada, nenhum jogador cobrou um escanteio sem ouvir as poesias dos “coreanos”.

Depois que conclui minha graduação, em função da indisponibilidade de orientadores no mestrado, acabei encerrando as minhas pesquisas com torcedores e fui trabalhar com a alimentação indígena, tema que sigo pesquisando até hoje. Porém, em 2006, em uma pesquisa pontual, voltei à temática esportiva. Ocorreu que na disciplina Seminário de Tese o professor Ruben George Oliven instigou os alunos a realizarem uma pesquisa para a monografia final da disciplina com uma temática totalmente diferente da temática das suas futuras teses. Na época alguns dos meus colegas trouxeram para o seminário alguns relatos de dificuldades de campo causadas por “fofoquinhas” de seus interlocutores. Houveram conselhos para que as fofocas fossem deixadas de lado. Mas, o professor chamou atenção para o fato de que as fofocas poderiam até não ser verdadeiras, mas os efeitos que elas produziam eram muito verdadeiros. Assim, inspirado no Teorema de Thomas decidi fazer uma monografia sobre fofocas e escândalos.

Segundo o Teorema de Thomas, “se os indivíduos definem as situações como reais, elas são reais em suas consequências” (MERTON, 1970, p. 515). Assim, profecias

³ Meu TCC está disponível no repositório da UFRGS e, curiosamente, por muito tempo, ele foi mais baixado no Japão que no Brasil. Demorei para entender a razão... O título “Os Malditos da Coréia” desperta muita curiosidade por lá. Xenofobia é mato no Japão.

⁴ Os torcedores do Sport Clube Internacional são chamados de “colorados” em função da predominância da cor vermelha nos uniformes do time.

ou predições, bem ou mal fundamentadas, são constituintes de situações e afetam os desdobramentos futuros. Robert Merton chamou isso de “a profecia que se cumpre por si mesma”, que “é, inicialmente uma definição falsa da situação que provoca uma nova conduta a qual, por sua vez, converte em verdadeiro o conceito originalmente falso” (MERTON, 1970, p. 517). Cito um dos exemplos apresentados pelo autor para melhor elucidar o argumento:

Corre o ano de 1932. O Last National Bank é uma instituição florescente. Grande parte dos seus recursos é líquida, sem estar “aguada”. O senhor Cartwright Millingville orgulha-se, com toda a toda a razão, do estabelecimento bancário de que é presidente. Até a Quarta-feira Negra. Ao chegar ao banco, verifica que o movimento está mais ativo que de costume. Isto é um pouco estranho, já que os operários da A.M.O.K., usina siderúrgica e os da K.O.M.A., fábrica de colchões, não costumam ser pagos antes do sábado. Todavia, ali estão duas dúzias de homens, obviamente trabalhadores das fábricas, formando filas diante dos guichês dos caixas pagadores. Ao entrar em seu escritório, o presidente do banco pensa, com certa compaixão: “Esperemos que não tenham sido despedidos no meio da semana. A estas horas eles deveriam estar trabalhando em suas máquinas”.

Mas preocupações deste tipo nunca fizeram prosperar um banco e Millingville entrega-se ao estudo de um monte de documentos que estão sobre sua mesa. Depois de assinar uns vinte papéis, sente-se preocupado pela intrusão de qualquer coisa de estranho. O discreto zum-zum provocado pela atividade normal de um banco cedeu à estridência importuna de muitas vozes. Definiu-se como real uma situação, que é o início do que ficou conhecido como a Quarta-feira Negra, a última quarta-feira, aliás, da existência do Last National Bank.

Cartwright Millingville nunca ouvira falar do teorema de Thomas, mas não sentia dificuldade em reconhecer sua ação. Sabia que, apesar da liquidez relativa do ativo do banco, um boato de insolvência, uma vez lançado por número suficiente de depositantes, redundaria na insolvência do banco. E, ao terminar a Quarta-feira Negra – e a Quinta-feira ainda mais Negra -, em que longas filas de depositantes inquietos, cada um dos quais procurando salvar freneticamente os seus haveres, se prolongaram em filas ainda maiores de depositantes ainda mais inquietos, aconteceu o que ele temia – a insolvência do banco (MERTON, 1970, p. 516).

Tá, mas o que isso tem a ver com jogos e esportes? É que o ser humano necessita de frequentes novidades para existir. Não vou aprofundar este ponto, mas imaginemos se, de uma hora para outra, do nada, as pessoas passassem a conversar somente as mesmas coisas. Imaginemos que a partir de agora toda e qualquer interação social será uma rigorosa repetição do que já foi muitas vezes conversado e vivido. Nada de novo será dito, nenhuma informação ou opinião nova poderá ser trocada. Caraca! Que coisa chata! É impossível. Além de tirar toda a graça de viver, isso inviabilizaria qualquer tipo de relação

social. Certamente isso impediria o desenvolvimento humano⁵.

Cada pessoa vai sentir de forma diferente os impactos das novidades do dia-a-dia. Isso é muito individual. Tem gente que pode até nem se dar conta das novidades que vivencia, achando que tudo está sempre igual. Mas, o novo sempre estará presente. Mesmo que seja um novo discreto, ele sempre existe. E o interessante é que todas as sociedades humanas (não humanas também) desenvolveram e desenvolvem mecanismos para forjar suas novidades. E para forjar novidades mais atraentes. Quanto mais atraente a novidade, melhor! Óbvio! Tipo, quando novidades inexistem, elas são inventadas. E aqui o termo invenção não necessariamente significa mentira⁶. Inventar pode ser de forma criativa. Criamos novidades. Fabricamos novidades. E existem especialistas nestas criações. Retomarei esta questão mais adiante.

Voltando aos escândalos e fofocas - que mesmo quando não atestam a realidade, produzem efeitos verdadeiros – percebi em minha etnografia (TEMPASS, 2007) que eles são fontes muito atrativas de novidades para grande parte da população. Escândalos e fofocas promovem excitação. Excitação social. Advogo que são a forma mais fácil de obter essa excitação.

Porém está excitação social não pode ocorrer de qualquer jeito. Ela tem regras. Tem parâmetros. E deve ocorrer dentro do que é social e culturalmente aceito. Quem se excita além dos parâmetros estabelecidos certamente será estigmatizado – numa tentativa de junção de Goffman⁷ (1988) com Elias e Dunnig (1992). Assim, a excitação, ao mesmo

⁵ Partilho das concepções ameríndias que afirmam que animais, plantas, rios, pedras e todos os demais seres da natureza e da sobrenatureza, todos os seres do cosmos, também possuem cultura. E advogo que também estes seres necessitam de novidades para existirem. O simples reconhecimento que estes seres possuem agência já basta para atestar isso. Mas, deixarei para discutir esta tese em outra oportunidade.

⁶ Como já dizia o poeta Manoel de Barros: “Tudo que não invento é falso”! (BARROS, 2013).

⁷ Conforme Goffman (1988), cada sociedade classifica o comportamento dos indivíduos nas categorias normal e anormal. Os estigmas são atributos profundamente depreciativos, que não condizem com o conjunto de atributos tidos como normais e desejáveis. Advogo que, tanto o escândalo como a fofoca, na grande maioria dos casos, oferecem algum risco de estigmatização para as suas vítimas. Atributos indesejados, reais ou imaginários, são conferidos aos membros da rede de relações - ou ao público em geral no caso dos escândalos - pelo simples desejo de trocar novas informações com alguém. Segundo Goffman (1988) uma pessoa que detenha algum atributo depreciativo pode tentar ocultá-lo das outras pessoas. Assim também os indivíduos podem tentar manter em segredo alguns aspectos de sua vida privada para não serem vítimas de fofocas e/ou escândalos. Mas em se tratando especificamente de fofocas a coisa é um pouco mais complicada. A habilidade dos bons fofoqueiros possibilita a descoberta de novas informações sobre uma determinada pessoa sem que esta tome conhecimento do fato. Além disso, fatos podem ser reinterpretados ou até mesmo inventados sem que a vítima da fofoca saiba. Como existe certa “ética” na distribuição de fofocas, em muitos casos a vítima é a “última a saber” de sua estigmatização. Se no caso tratado por Goffman (1988) os indivíduos se empenham em esconder o seu estigma, no caso dos fofoqueiros as outras pessoas tentam esconder o estigma do conhecimento da vítima. Em outras palavras, muitas vezes a pessoa tem um estigma em seu grupo e nem sabe disso. Neste caso, o direito de defesa inexistente (TEMPASS, 2007).

tempo que é buscada, também precisa ser controlada. E o que os jogos e esportes tem a ver com isso? Ocorre que, em minha pesquisa sobre fofocas e escândalos (TEMPASS, 2007), observei que jogos e esportes, especialmente o futebol, eram os assuntos mais discutidos nas rodas de conversa, geralmente pautados pelas mídias sensacionalistas (na minha opinião todas são). Isso até mesmo nas conversas femininas, provavelmente porque era ano de Copa do Mundo e ano em que o Internacional foi campeão da Libertadores da América e do Mundial de Clubes – voltarei a questão de gênero mais adiante. O futebol fornece a novidade, a excitação. E uma excitação aceitável. Conforme Norbert Elias e Eric Dunning, ao explicar o gosto das pessoas pelos jogos,

Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam a não se expor demasiado. Com grande frequência já não são capazes de revelar mesmo nada de si próprios (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 103, *sic*).

Em outras palavras, “explosões incontroladas ou incontroláveis de forte excitação coletiva tornaram-se menos freqüentes” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 101, *sic*) nas sociedades ditas modernas. Desta maneira é preciso buscar outras formas, toleradas, de excitação. Isto explica, segundo os autores, o grande interesse das sociedades industriais pelo jogo. Então, concluindo esta parte, temos que jogos e esportes fornecem excitações social e culturalmente aceitáveis, ao mesmo tempo em que inibem outras formas de excitação que são inaceitáveis na era “moderna”.

Contudo, não é qualquer jogo, fofoca, escândalo que serve que serve para suprir a necessidade de novidades. A necessidade de excitação. Como já dito, eles são validados de acordo com os padrões culturais pré-existentes (este ponto também será retomado mais adiante). Mas, além disso, eles precisam ser atraentes. Precisam ser surpreendentes. Eles podem ser considerados como uma “novidade apimentada”. A novidade é melhor quando é inesperada. Uma novidade previsível, de certa forma, é uma novidade enfraquecida. Não é cem por cento nova. Isso pode ser muito bem exemplificado pelo comportamento dos torcedores de futebol – ao menos no Brasil. Quando um time considerado “grande” vai decidir um campeonato contra um time “pequeno”, excetuando-se os torcedores dos times envolvidos, todos os demais expectadores, os neutros, acabam torcendo pelo time “pequeno”. O legal é torcer pelo mais fraco, pois a vitória deste será uma novidade mais surpreendente. Assim foi nas decisões da Copa do Brasil de 2004 e 2005 quando Flamengo e Fluminense, dois dos maiores clubes do Brasil, foram derrotados pelos

“pequenos” clubes Santo André e Paulista, respectivamente. Se o time mais forte fosse o vencedor, tudo continuaria dentro do esperado, seria uma novidade óbvia. Mas como o time considerado mais fraco foi o vencedor, eclodiu um escândalo digno de ser comentado por todos os cantos, em todos os bares, táxis e barbearias. O improvável é sempre mais interessante.

Como já dito, depois de concluída essa pesquisa pontual sobre escândalos e fofocas, passei a estudar unicamente a alimentação indígena, temática que me ocupo ainda atualmente. Mas, em 2015, quando tomei posse como professor na Universidade Federal do Rio Grande, fui obrigado a lecionar Antropologia para o curso de Educação Física. No início odiei, mas depois ficou interessante. Tenho me divertido muito. E as reflexões que seguem a partir de agora são fruto destas aulas, nas quais retomei os trabalhos acima mencionados.

Antes de detalhar as reflexões geradas em sala de aula preciso chamar a atenção para o fato de que a Universidade não é uma bolha tão isolada da sociedade. Nela encontramos os mesmos tipos humanos que existem além dos muros acadêmicos. Assim, em aula temos racistas, machistas, nazistas, homofóbicos, etc. Até terraplanistas. Uma galera que ganhou voz nos últimos tempos no Brasil – pena que não posso usar emojis no texto... E os mais numerosos são os biólogos e os cristãos. O engraçado é que muitas vezes as duas categorias se confundem. Sim! O pessoal de que veste a camisa da biologia futebol clube é muito grande. Para eles tudo se resume as questões biológicas e fisiológicas. Ficam tentando justificar tudo invocando a natureza. Nessas, para essa galera, existem esportes masculinos e esportes femininos simplesmente por questões biológicas. Dizem que os homens são “naturalmente” mais fortes e violentos e por isso praticam determinados esportes, enquanto as mulheres, que seriam biológica e fisiologicamente mais fracas e mais dóceis, precisam praticar outras modalidades. E os cristãos tendem a responder qualquer questão com um “é porque deus quis assim”. Ou algo do tipo. Volta e meia alguém dá uma cartada bíblica, tipo “tá na bíblia que a mulher precisa obedecer ao homem”. Darwin e Cristo se ajudando. Difícil não rir. O JC lá em cima deve dar boas risadas também.

Engraçado é que para muitos alunos a natureza é perfeita e a criação de deus também é perfeita, mas o objetivo principal da vida deles é modificar essa natureza e essa criação divina levantando peso numa academia. Por que será que querem mudar isso?

A disciplina é ofertada no primeiro semestre do curso de Educação Física e é muito trabalhoso fazer os calouros questionarem os seus determinismos (principalmente

o biológico). Mas, tenho tido êxito em fazer com que os alunos se deem conta de que os corpos são construídos culturalmente. Que jogos e esportes são escolhidos de acordo com os padrões culturais em voga. E que ter cultura não é ir ao teatro, ler uns livros, falar outras línguas, viajar bastante e pagar caro por coisas inúteis. Que todos os seres humanos possuem cultura. Que não tem cultura boa nem cultura ruim. Que todas são boas, apenas diferentes.

Gosto de começar o semestre com o velho e bom texto de Horace Miner (1973), “Ritos Corporais entre os Nacirema”. Mas, uso aquela versão editada em que foram excluídos os últimos parágrafos. Assim, os alunos realizam a leitura e vão para o debate em sala de aula acreditando na existência de um povo “bárbaro” que precisa se submeter a uma série de rituais perigosos e dolorosos para obter a aceitação social. Também gosto de usar o capítulo “Da tortura nas sociedades primitivas” de Pierre Clastres (2012). Neste texto o autor, que de tortura não tem nada, lista alguns rituais de iniciação em sociedades ameríndias. Ritos necessários para que os indivíduos pertençam a sua sociedade. Os alunos leem estes textos escandalizados, revoltados com as “barbáries” dos outros, militando pelo fim dessas práticas que causam tantos sofrimentos para “aquela pobre gente” – sim, os outros sempre são pobres. Em aula abrem suas maletas de preconceitos e os expõem com muita autoridade. E eu me divirto muito quanto conto para eles que essas agruras também ocorrem em nossa sociedade, talvez de forma até pior. Então começam os relatos dos alunos de situações em que sofrem dores para serem socialmente aceitos, alguns até em tom de terapia. As meninas têm uma lista maior de queixas. É o sapato apertado que causa bolhas, mas que precisa ser usado em uma festa. É gente passando frio porque o evento exige um determinado traje. E também gente passando calor. Uma galera torrando no sol porque precisa ter a pele bronzeada. Tem também o pessoal das mutilações corporais. Piercings, brincos, tatuagens – os machões da turma dizem que não dói, mas ninguém acredita. Geral sofre no dentista. E parece que o barulhinho que dói mais. A depilação sempre é lembrada – e nessa parte os alunos costumam trocar dicas e contatos de profissionais para que a depilação seja menos dolorida. Um aluno jaguara reclamou da necessidade de tomar banho para conviver em sociedade e, surpreendentemente, foi apoiado por vários colegas. Sofre mais quem tem a ducha Lorenzetti que não esquenta, dá choque e queima com facilidade. E, claro, o sofrimento nas academias. Em se tratando de alunos de educação física o assunto academia é bastante delicado. Mas, resumindo, a maioria diz que gosta, mesmo admitindo cansaço, dores, desconfortos e acidentes. É um investimento de tempo e dinheiro

considerável na construção de um corpo socialmente aceito. E parece que frequentar a academia é obrigação nos dias atuais. Rachar lenha, capinar um lote, descarregar uma carga, etc. não conta como exercício. E tem as figuras clássicas que vão de carro para a academia para lá ficar caminhando na esteira.

É consenso que os mais pobres sofrem mais para serem socialmente aceitos. Isso é meio óbvio. Mas, além da questão do conforto, tem o fato de que é preciso consumir para ser um ser social completo. Não vou me aprofundar nisso, mas acho que engraçado que todo mundo paga para sofrer neste mundo, mas depois, quem pode, paga para sofrer menos. Claramente a diferença é muito grande entre quem precisa pegar um ônibus para ir desenvolver o seu papel social e outros que possuem carros para se deslocar. Entre quem é rapidamente atendido em uma clínica particular e aquele que espera horas na fila do posto de saúde da comunidade.

E além das torturas físicas, tem as psicológicas. Existe a necessidade de parecer forte, mais forte. Mesmo sentindo dores, é preciso aguentá-las como um “bom macho”. Só um ou outro aluno “Nutella” que não se preocupa com isso. Sem falar da tortura em frequentar a escola. De fazer catequese. Enfim, a lista é muito grande. Parecem infinitas as exigências para ser um social completo, um ser social correto. E o curioso é que muitos nunca nem tinham pensado nisso⁸. Investimos muito tempo e dinheiro para nos construirmos como pessoas. Para construir corpos. Para adornar corpos – sim, adornos também contam. Nossos corpos, além de biológicos, também são culturais.

Assim, corpos também necessitam do “novo”. Precisam ser modificados. São fontes potenciais de novidades tanto quanto as fofocas e os escândalos. Fornecem excitação tal-qualmente os jogos e esportes. Mas, essa novidade, a obrigação de modificar, acaba padronizando as pessoas. Engraçado isso, mudar para ficar igual. Desta forma, a construção dos corpos confere identidade em relação a alguns grupos. E confere alteridade frente a outros grupos⁹. Na música “Olhos iguais aos seus”, Humberto Gessinger pergunta: “O que faz as pessoas parecerem tão iguais?”. E também pergunta na última estrofe “o que fazem as pessoas para serem tão iguais?”. A resposta é a cultura.

Marcel Mauss (2003), há mais de um século, já chamava atenção para o fato de o corpo ser o primeiro instrumento do homem. Eu arrisco dizer que o corpo também é o

⁸ Essa construção corporal é central e bastante evidente nos grupos ameríndios. Muitos trabalhos já foram publicados sobre o assunto. Vide, como exemplo, o texto “A fabricação do corpo na sociedade xinguana”, de Eduardo Viveiros de Castro (1987). Eu também me ocupei com essa temática entre os Mbyá-Guarani (TEMPASS, 2012).

⁹ Como dizia Manoel de Barros (2013), “repetir, repetir, até ficar diferente”.

primeiro assunto dos seres humanos. Como um Fato Social Total (MAUSS, 2003), o corpo perpassa todas as esferas da vida humana. E em todas as possibilidades de extensão, sempre é assunto. No futebol a ideia de Fato Social Total fica muito evidente, mas advogo que também podemos perceber tal efeito quando estudamos o corpo humano e outros jogos e esportes. Mas, antes, para melhor exemplificar, opto por discutir o futebol como Fato Social Total.

O futebol está por toda parte. Eric Hobsbawm argumentou que o futebol é o símbolo máximo da Globalização (GORDON, 2008). Ele o esporte mais popular do planeta, envolvendo direta e indiretamente bilhões de pessoas.

Vivenciado com fervor por diferentes sociedades, épocas históricas, regimes políticos, classes sociais, ideologias, grupos culturais, faixas etárias, tipos físicos e relações de gênero e fonte incomensurável de geração de empregos diretos e indiretos, o futebol mobiliza recursos gigantescos em patrocínios, publicidade, transmissão televisiva, salários, entre outros aspectos (MURAD, 2007, p. 14).

O hemisfério sociológico da atividade esportiva vai muito além de campos, quadras, pistas, piscinas, ringues, circuitos e alcança uma qualidade pedagógica ímpar para a cidadania como um todo, e especialmente para a infância e adolescência. Se isso é visível nos esportes em geral, é-o de forma acentuada no futebol, a modalidade mais universal e a que mais cresce em todo o mundo (MURAD, 2007, p. 15).

É importante reiterar que o conjunto dos fenômenos futebolísticos não se restringe apenas às ocorrências intrínsecas ao seu universo profissional. Como “fato social total” (Mauss, 1974), o futebol alcança uma significação muito mais ampla do que o jogo dentro das quatro linhas e, por conseguinte, suas construções e simbologias transformam-se em objeto de estudo para as ciências sociais (MURAD, 2007, p. 16).

Portanto, para a pesquisa social do futebol, bem mais importante do que um jogo de futebol são os jogos de futebol. Jogos históricos, sociais, culturais, simbólicos. Redes de sentidos articulados, territórios metalingüísticos (MURAD, 2007, p. 16, sic).

Como forte elemento da vida coletiva, finca suas raízes nos modos de ser, pensar e agir, nos valores das identidades do lugar. Como instituição social, organiza-se a partir dessas redes simbólicas e, devido a seu alcance e representação, transforma-se em síntese de uma determinada cultura e via de acesso à compreensão de seus fundamentos e de sua história (MURAD, 2007, p. 18).

Para exemplificar a contundência do extravasamento do futebol para além das quatro linhas, recordo aqui um desdobramento da minha pesquisa com os torcedores da

“Coréia” do Beira-Rio (TEMPASS, 2003). Foi um ensaio sobre o entrelaçamento entre política e futebol (TEMPASS, 2002). A professora Jussara Reis Prá, da disciplina de Metodologia Quantitativa, propôs como exercício a aplicação de questionários sobre as eleições para presidente e governador do ano de 2002. Era um mesmo questionário para toda a turma, sendo que cada aluno deveria aplicar cerca de 30 questionários, que depois comporiam um único banco de dados, resultando em uma pesquisa bastante confiável. Como eu estava fazendo a minha etnografia no Beira-Rio, resolvi aplicar os questionários que me cabiam entre os torcedores da “Coréia”. Na época a disputa estadual estava bem polarizada entre Antônio Britto e Olívio Dutra, quase cinquenta por cento para cada um. Na ocasião me chamou atenção que um dos entrevistados falou: “O Britto é gremista. Não voto em gremista nem com banda de música”. O pertencimento clubístico dos candidatos era pouco conhecido dos eleitores na época. Então decidi modificar um pouco o questionário e fazer novas rodadas da pesquisa nos jogos seguintes. A principal pergunta ficou assim redigida: “Considerando que o Britto é Gremista e que o Olívio é Colorado, em quem você vota para governador?”. E o resultado foi mais de noventa por cento dos votos para o Olívio Dutra. Comentei brevemente está pesquisa com alguns dirigentes e conselheiros do Inter e logo teve candidato tirando proveito disso. No jogo seguinte, o candidato Onyx Lorenzoni estava distribuindo santinhos com o slogan “colorado vota em colorado, vote Onyx deputado”. O ruim é que ele se elegeu.

Mas, o futebol e a política sempre estiveram bastante próximos no Brasil. Tipo a perpetuação da ditadura em função do sucesso da Seleção ou o grande número de ex-jogadores que acabam ocupando cargos públicos, para citar alguns exemplos. O importante a destacar é que o futebol extrapola em muito as quatro linhas do Gramado. Ele é assunto forte. Ele pauta e define muitas coisas na sociedade brasileira. Em sala de aula os alunos trazem uma infinidade de exemplos, desde a feminista que tolera o machismo do técnico Renato Gaúcho porque é gremista, até o colorado reacionário que elogia a Dilma porque ela viabilizou a reforma do estádio Beira-Rio para a Copa de 2014. Aquela do 7x1.

Essa interconexão com as demais esferas da vida, embora menos evidentes, também são perceptíveis em outros jogos e esportes. E, como já dito, também promovem excitação. A Antropologia das Emoções ajuda a explicar boa parte dos próximos argumentos que aqui serão elencados. Ocorre que a sociedade influencia na forma que devemos expressar nossos sentimentos, Não apenas dentro da nossa sociedade, mas também frente a sociedades diferentes. O luto, por exemplo, em algumas sociedades deve

ser expressado com choros copiosos, enquanto que em outras a tristeza e o pesar devem ser manifestados de forma contida (REZENDE e COELHO, 2010). Tais expressões de emoções seguem uma linguagem verbal e corporal.

O vocabulário emotivo de uma sociedade é reconhecido como distinto do de outra, dificultando, por exemplo, o exercício de tradução de categorias emotivas de uma língua para outra. No entanto, as palavras nem sempre são vistas como expressando “de fato” o que o sujeito sente, reforçando novamente a distinção entre uma forma de expressão de ordem social e o sentimento de natureza individual. Nessa perspectiva, abre-se a possibilidade para que as pessoas sintam uma emoção mesmo que em sua sociedade não exista um termo de linguagem para expressá-la, como por exemplo sentir “saudade” em culturas que não possuem essa categoria.

Assim, **as emoções são consideradas fenômenos que acontecem no corpo**, tanto em função de sua origem quanto também de suas manifestações (REZENDE e COELHO, 2010, p. 24-25, **negritos meus**).

Corpo este que, pelo menos no Ocidente, segundo Foucault (1977), através do Panóptico, é constantemente vigiado e punido. Os indivíduos devem cuidar seus corpos tomando remédios, fazendo dietas e exercícios, mas também precisam cuidar os corpos dos outros. E o cuidar aqui é no sentido de vigiar. No Ocidente essa vigilância tornou-se um sistema que permite o controle de corpos individuais e também de corpos sociais.

E o controle de corpos, que é a forma mais básica de poder, também inclui o controle das emoções. Conforme apontou Norbert Elias (1993) o controle de emoções faz parte do Processo Civilizador. O medo, por exemplo, seria uma forma de autocontrole. Já a raiva deveria ser evitada, justamente porque ela expressa um descontrole, o que não é interessante para o controle social ocidental. E, segundo Elias (1993), a necessidade do controle da raiva surge à medida em que o Estado adquire o monopólio da violência. Indivíduos não podem mais resolver suas diferenças no soco. Bater nas pessoas só se for polícia.

Os jogos e esportes são tipo válvulas de escape frente as essas imposições ocidentais¹⁰. O medo sentido no esporte é diferente do sentido nas outras esferas sociais. Ter medo de perder um jogo, faz parte. Dizem até que se não tiver medo, nem graça tem. Arriscar a vida pulando de paraquedas, ou num carro em alta velocidade, ou arriscar os

¹⁰ Infelizmente, por limitação do número de páginas, não darei conta de todos os propósitos iniciais deste paper. Assim, não poderei trazer exemplos de outras culturas para contrastar com o Ocidente (tá mais pra Acidente). Mas, em se tratando de grupos ameríndios, mais especificamente os Mbyá-Guarani, já realizei a análise do necessário controle da raiva em Tempass (2012). Só para dar um spoiler, quem sente raiva se transforma em animal.

dentes numa luta, as canelas numa acrobacia, etc. Isso é bem diferente do medo de perder o emprego e acabar na miséria, por exemplo. No esporte os desafios são permitidos e desejados. São eles que conferem a novidade e a excitação. Quando um time desafia um outro para uma partida, algo novo será gerado. Como vimos, se o time favorito vencer, será uma novidade pouco atraente. Mas, se o time considerado zebra vencer, será uma novidade excitante. No vôlei é a mesma coisa. Basquete, box, xadrez, bocha, par ou ímpar... Tanto faz. O desafio é fazer mais gols que o adversário, fazer mais pontos, levantar mais peso, correr mais rápido, pular mais alto. E o medo de perder deixa a coisa ainda mais excitante. Mas, demonstrar o medo não é muito legal. Até para perder existem regras socialmente aceitas. Tem que saber perder com honra e dignidade.

E tem a galera que se desafia a si mesmo. Esses não competem com ninguém, mas todo dia querem levantar mais peso, correr uma distância maior, derrubar mais pinos no boliche, etc. Estes não têm o medo de perder. Mas, ao tentar quebrar seus próprios recordes, se arriscam frequentemente. E aí o medo é de esfolar um joelho, quebrar um braço, ter um ataque cardíaco... Ou o medo de ser incapaz, de fracassar, de ter se esforçado à toa.

O medo é proporcional ao risco. E como já havia observado Marshall Sahlins (1990), as ações colocam os significados em risco – voltarei a este ponto mais adiante. O risco não é só perder um jogo ou não bater um recorde. O risco pode ser mudar uma história, acabar com um ciclo, por fim a uma reputação, estragar uma imagem, passar uma vergonha, morrer, etc. E é nestes casos que a novidade produzida é mais excitante.

A raiva é outra emoção/sentimento que deve ser controlado, como já dito. Mas, isso ultimamente tem sido quase impossível, pelo menos no Brasil. Quem não tá passando raiva, não tá vivendo direito. Sobre isso tem alunos que advogam que o esporte é bom para as pessoas aprenderem a controlar as suas raivas. Faz sentido. Tem todo aquele papo de com os exercícios o corpo produzir uns hormônios descolados que aumentam o bem-estar e, assim, inibem a raiva. Mas, o argumento mais acionado é que no esporte o indivíduo pode “descarregar” a sua raiva de uma forma socialmente aceita. Também faz sentido. Os conflitos são deslocados de espaços agora inviáveis para dentro dos gramados, quadras, ringues, etc. Onde os duelos ainda são possíveis e até recomendáveis. Mas, para descarregar a raiva, parece que o melhor mesmo é ficar chutando e socando um saco de areia. E pagam para isso. Que raiva!

É curioso que os jogos e esportes expressam os valores de cada sociedade/cultura. Mas, por outro lado, os jogos e esportes também servem para subverter ou burlar estes

valores. Tipo, nos esportes podemos fazer o que não podemos fazer nas outras esferas sociais. Podemos bater nos outros. Podemos acelerar veículos sem limite de velocidade. Podemos blefar. Xingar. Expressar sentimentos que não seriam bem aceitos no dia-a-dia. Um pobre pode vencer um rico. Um empregado pode humilhar o patrão – se prevalecer o espírito esportivo ele nem será demitido. E isso vale tanto para praticantes quanto para espectadores – como veremos a seguir, estas duas categorias muitas vezes se confundem.

Muitos estudos sobre o futebol brasileiro e seus torcedores traziam a ideia, outrora amplamente difundida, de que o futebol fazia com que as diferenças e os preconceitos do cotidiano desaparecessem, em razão de um sentimento lúdico e festivo comum. Partilhar o mesmo pertencimento clubístico faria desaparecer, pontualmente, as noções de status e hierarquia do cotidiano. Ricos e pobres torceriam juntos pelo mesmo clube¹¹ (DAMO, 1998). Porém, mesmo torcendo para o mesmo clube, ricos e pobres não frequentam os mesmos espaços. Nos estádios de futebol, por exemplo, os melhores lugares (cadeiras e camarotes) são destinados a quem pode pagar mais caro por eles. Os piores lugares são os que possuem um baixo valor de ingresso, que podem ser acessados por pobres. Isto é, os estádios atuais são socialmente segmentados, tal-qualmente toda a sociedade.

A crença de que patrão e empregado alegrem-se ou entristecem abraçados constitui-se numa ficção, até certo ponto romântica, [...] provavelmente, ocuparão espaços diferenciados, o primeiro, no andar de cima e o ‘outro’, no andar de baixo. E isto vale tanto para gremistas quanto para colorados (DAMO, 1998, p. 130).

No estádio Beira Rio, também é assim. Ricos em camarotes e cadeiras centralizadas, pobres atrás das goleiras. Mas, como exposto no início do texto, havia no Beira-Rio uma arquibancada popular, chamada de “Coréia”, que também era frequentada por pessoas ricas. Lá, sim, o status e a hierarquia eram deixados momentaneamente de lado. Ricos e pobres se abraçavam na comemoração do gol. E sofriam juntos também. O que os unia era o fanatismo pelo Inter. E partilhavam o mesmo modo de torcer. Tipo uma doença mesmo. A “Coréia” era uma *communitas*! Victor Turner (1974, p. 118-120) chamou de *communitas* (antiestrutura) o processo social extraordinário de suspensão das normas, leis e status. Um momento de igualdade.

Temos então que a construção de corpos, os jogos e esportes estabelecem identidades e alteridades. Estas muitas vezes repetem os padrões sociais preestabelecidos,

¹¹ Quando o futebol surgiu isso nem seria pensável, pois haviam os times dos ricos e os times dos pobres, e eles nem se enfrentavam.

atuando como um espelho da sociedade. Mas, em outras tantas vezes, a construção de corpos, os jogos e esportes, servem para forjar novas identidades e alteridades, subvertendo os valores do dia-a-dia. E isso também fornece elementos novos para as relações sociais. Fornece a excitação social.

Tanto na manutenção quanto na subversão, a novidade é desejada. É necessária. Mas, esta novidade tem que ocorrer dentro dos parâmetros socialmente aceitos. Nos esportes os parâmetros são outros, permitindo novidades outras, mais excitantes socialmente. Mas, estes esportes também precisam ser socialmente aceitos. No final das contas, o novo se repete. E isso é assim mesmo. É assim que a cultura opera.

Cada pessoa faz o que bem quer com o seu corpo. Cada pessoa tem a liberdade de praticar este ou aquele esporte. Torcer para um ou outro time. Isso desde que seja compatível com a sua cultura. O raio de ação do indivíduo é limitado pela sua cultura. Desta forma, o mencionado desejo pelo novo, necessário às relações sociais, deve ser compatível com a cultura. Como já foi mencionado anteriormente, a busca pelo “novo”, acaba reforçando os valores e normas já existentes – a cultura. Isso talvez esteja muito próximo do que Marshall Sahlins (1990) pretende dizer quando afirma que quanto mais a coisa muda mais ela permanece.

Segundo Sahlins, a cultura é historicamente reproduzida na ação mas também, ao contrário, pode ser alterada na ação porque os seres humanos estão constantemente repensando os seus esquemas convencionais. A ação põe os significados em risco. A mudança cultural pode ser desencadeada através da relação entre sociedades ou dentro de uma sociedade. Mas as inovações, para serem implementadas, dependem das possibilidades de significação pré-existentes na sociedade, porque precisam se tornar inteligíveis e comunicáveis (SAHLINS, 1990). Em razão disso, muitas vezes, o “novo” precisa ser ressignificado.

Na concepção de Sahlins a cultura “funciona como uma síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente, de diacronia e sincronia” (SAHLINS, 1990, p. 180). Enquanto a cultura se reproduz ela também se altera através da ação, fazendo com que novos conteúdos empíricos sejam assimilados às categorias que “orquestram” o mundo. Estas categorias adquirem novos valores funcionais na ação, transformando a estrutura através da redefinição das relações entre estas categorias. Portanto, toda mudança é também uma reprodução e toda reprodução é também uma mudança. “No final, quanto mais as coisas permaneciam iguais, mais elas mudavam” (SAHLINS, 1990, p. 181).

Estabilidade e mudança não se encontram em oposição excludente. Pelo contrário: o princípio de toda mudança está baseado no princípio da continuidade. Por mais radical que seja a mudança, uma parcela de continuidade é indispensável, pois “as coisas devem preservar alguma identidade através das mudanças ou o mundo seria um hospício” (SAHLINS, 1990, p.190)¹².

Se adotarmos estas concepções para este artigo, podemos dizer que o que as pessoas conseguem com os jogos e esportes algo parecido com o que conseguem com os escândalos e fofocas. É o “novo do mesmo” e o “mesmo do novo”. Quanto mais novo mais igual, quanto mais igual mais novo. E assim as coisas vão permanecendo e mudando.

E como já dito, essa novidade que se repete não se aplica unicamente aos esportistas. Como um Fato Social Total, ela extravasa seus efeitos atingindo também o resto da sociedade. E aí tem atingidos que gostam disso e outros que odeiam. Por exemplo, teve gente que disse que odeia futebol porque em dia de jogo o trânsito fica muito complicado. Razão pela qual eu detesto maratonas – ah, vão trancar o trânsito na puta que o pariu! Mas, tem outras pessoas que gostam de serem atingidas e estarem inseridas neste contexto. E boa parte dessa galera não é passiva neste contexto. Tal qual “Os Malditos da Coréia”, eles jogam juntos. Sim! Cada qual do seu jeito. Tem gente que vai financiar o time do seu coração através de compra de ingressos, camisetas, mensalidades de sócio, etc. Outros vão no estádio alentar. Quem não pode ir no estádio grita de casa mesmo, ou dos bares. Como se os gritos fossem ouvidos pelos jogadores. Mas, eu gosto mais daquela galera que joga junto rezando, acendendo velas, que faz mandingas e simpatias. Que vira de costas quando o adversário vai cobrar o pênalti. Que sempre usa a mesma camiseta. A camiseta da sorte! Que bota meia para não ser pé frio. Que entra no estádio dando três pulinhos. E eles acreditam que se não fizerem isso o time deles vai perder. Tipo, eles jogam junto mesmo! São responsáveis pelo placar tanto quando os jogadores. E sofrerão as consequências da derrota tanto quando os jogadores. No trabalho, no outro dia, é certo que serão muito zoados. Porque, tal-qualmente os

¹² Neste mesmo sentido, mas pensando nas técnicas, Descola (2002) afirma que uma nova técnica só é retida se ela for compatível com uma série de elementos no interior de uma totalidade considerada fechada. A inovação se dá através de re-configurações de elementos já existentes. Toda nova técnica estabelece necessariamente uma nova relação com a matéria. Mas isso não impede que novas técnicas sejam implementadas, apenas limita a adoção. A adoção de objetos técnicos que não necessitam de uma alteração nas relações técnicas se dá com mais facilidade, sendo simplesmente adicionados ao sistema vigente (DESCOLA, 2002).

jogadores, eles colocaram os significados em risco¹³.

E tem vezes que o risco nem tem a ver com os resultados de campo. Vidas privadas de esportistas também são assunto. E não precisa nem ser muito famoso. Eu só conheço as academias pela TV (tenho mais o que fazer...), mas, pelo que me contam em aula, todo mundo sabe e comenta quanto a fulana ergue de peso no alpino (*sic*), quantos KM (*sic*) o ciclano corre na esteira, quantos quilos a beltrana perdeu no último meio ano e quem deu para o ciclano da esteira. É um vigiar e punir a la Foucault (1977). A vigilância parece meio óbvia. Mas, a punição tende a ser disfarçada. Geralmente trata-se de uma identidade corrompida através do artifício da fofoca. E, como já dito, a fofoca pode não ser verdadeira, mas os efeitos que ela produz são. E fofocar lembra os indivíduos (todos, não apenas os alvos da fofoca) do que é ou não permitido em sua sociedade e em seu grupo. Reforça as fronteiras entre o que é desejado e indesejado num determinado ambiente ou contexto¹⁴.

Segundo Thompson (2002), o ato de fofocar representa um alto grau de confiança e confiabilidade entre as pessoas, posto que ela nunca é praticada com estranhos. Conforme Cláudia Fonseca (2004), participar das fofocas, seja como sujeito ou seja como objeto, significa a integração da pessoa a um determinado grupo. Talvez participar das fofocas seja até mesmo condição indispensável para o pertencimento a muitos grupos. Principalmente os grupos mais integrados, onde, segundo Elias e Scotson (2000), as fofocas fluem mais livremente. Estes autores também veem fofoca como uma forma de censura às atitudes que não correspondem às tradicionais do grupo. Nas palavras dos autores,

A censura grupal imposta aos que infringiam as regras tinha uma vigorosa função integradora. Mas não se sustentava sozinha. Mantinha vivos e reforçava os vínculos grupais já existentes (ELIAS e SCOTSON, 2000:p. 124).

Já Cláudia Fonseca (2004), ao estudar grupos populares de Porto Alegre, afirma

¹³ Por exemplo, o cara que veste sempre a mesma camisa porque dá sorte. Se acontecer de o time dele perder, o significado desta camisa será repensado. Talvez até modificado. Se a pessoa que acompanha um determinado esporte não obtiver mais a excitação esperada, ela provavelmente procurará outra fonte de novidades. Talvez um outro esporte. Ou talvez vá fazer alguma coisa mais útil. Sim, o preconceito com o lúdico ainda precisa ser combatido.

¹⁴ Segundo Corrêa e Rocha (2006), longos estudos realizados em diversos países chegaram à conclusão de que entre um quinto e dois terços das conversas diárias das pessoas é dedica às fofocas. Outros estudos realizados nos Estados Unidos indicam que um funcionário passa o equivalente a dois meses de seu trabalho em um ano fofocando (CORRÊA e ROCHA, 2006).

que a fofoca é de domínio feminino por excelência¹⁵. Através das fofocas as mulheres constroem ou destroem reputações de pessoas, atingindo a imagem que cada indivíduo faz de si mesmo. Isso porque ao rebaixar a reputação de alguém ocorre a elevação da reputação de outrem, e vice-versa. Assim, a fofoca é uma arma das mulheres para o equilíbrio das forças no grupo. Nas palavras da autora, a fofoca “parece ser de domínio dos fracos, dos que não tem a força física do seu lado” (FONSECA, 2004, p. 45). “Ao homem cabe impor sua vontade pela força física; a mulher através da manipulação da opinião pública” (FONSECA, 2004, p. 46). Interessante isso: a fofoca que pode desencadear conflitos tem como finalidade buscar o equilíbrio do grupo.

Em sala de aula discuto muito as fofocas. Afinal, corpo e esporte são fontes preciosas para os escândalos e as fofocas. E a partir dos comentários gerados vamos identificando os padrões socialmente aceitos, que são adotados e reprovados por questões culturais. A fofoca informa muito sobre os fofoqueiros. E, em aula, quando discutimos as questões de gênero a partir das fofocas, a turma polariza. É bem engraçado. Quase aquele papo de os meninos vestem azul e as meninas vestem rosa. Os que se identificam como homens dizem que as mulheres fofocam mais e vice-versa. Mas, na real, o que define é o signo.

Referências bibliográficas

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. Alfragide: Leya, 2013.

CLASTRES, Pierre. Da tortura nas sociedades primitivas. In: _____. **Sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosacnaif, 2012. p. 190-201.

¹⁵ Muitos outros estudos desconstruem essa ideia de que a fofoca é mais intensa no âmbito feminino. Levin e Arluke (1987), por exemplo, afirmam que homens e mulheres fofocam, mas cada gênero se ocupa em transmitir conteúdos diferentes. Os homens fofocam mais sobre o ambiente profissional, enquanto que as mulheres preferem falar sobre relacionamentos pessoais e amorosos. Homens fofocam sobre e com seus colegas de trabalho; mulheres sobre e com amigas e parentes. Já Mora e Ciuni (2007) assinalam que, além do conteúdo, a forma também faz diferença entre homens e mulheres na fofoca. Segundo as autoras, as mulheres fazem da fofoca uma arte de emoção e requinte, enquanto os homens fofocam de forma grosseira, sexista e utilitária.

CORRÊA, Fabiana; ROCHA, Márcia. Você vai ficar (bem) falado: já que não dá para evitar a fofoca, saiba como fazer as conversinhas de corredor trabalharem a seu favor dentro e fora da empresa. **Revista Você S/A**, São Paulo, n. 91, p. 20-27, 2006.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In.: *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Porto Alegre/UFRGS. 1998. 242p.

DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. Porto Alegre, **Horizontes Antropológicos**, n. 18, p. 93-112, 2002.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, Claudia Lee Williams. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GORDON, César. Prefácio: a bola dentro da tora. In: VIANNA, Fernando de Luiz Brito. **Boleiros do Cerrado: índios xavantes e o futebol**. São Paulo: Annablume; FAPESP; ISA, 2008. p. 9-14.

LEVIN, Jack; ARLUKE, Arnold. **Gossip: the inside scoop**. New York: Plenum Press, 1987.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MERTON, Robert K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MINER, Horace. **Ritos Corporais entre os Nacirema**. In: RONEY, A.; VORE, P. Dou and Others. Cambridge: Whithrop, 1973.

MONTEIRO, Rodrigo de Araujo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MORA, Elena; CIUNI, Luísa. **A terapia do mexerico**. Lisboa: Temas e Debates, 2007.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

TEMPASS, Martín César. O perfil eleitoral dos torcedores da arquibancada popular do estádio Beira Rio – Porto Alegre – 2002. **Monografia** (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

_____. **Os malditos da Coréia: um estudo antropológico sobre torcedores da arquibancada popular do estádio Beira-Rio – Porto Alegre – 2003**. 57 f.. Monografia

(Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. Escândalos e fofocas: a incrível busca pelo novo que se repete. Belo Horizonte, **Teoria e Sociedade**, v. 15, n. 1, p. 118-145, 2007.

_____. **A doce cosmologia Mbyá-Guarani**: uma etnografia de saberes e sabores. Curitiba: Appris, 2012.

THOMPSON, John B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TURNER, Víctor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

VIANNA, Fernando de Luiz Brito. **Boleiros do Cerrado**: índios xavantes e o futebol. São Paulo: Annablume; FAPESP; ISA, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987. p.31-41.